

## 13 dias...

No fim de Fevereiro passado o Bloco de Esquerda, numa intervenção parlamentar de Francisco Louçã, anunciou que já chegava de crise e indefinição e que se o governo de José Sócrates não apresentasse uma moção de confiança iria propor uma de censura. Disse na altura o coordenador do BE que ninguém tinha referendado eleitoralmente o que se passava no país. Daí a censura.

Entre o fim de Fevereiro e o dia 10 de Março (o célebre primeiro dia em que "teria utilidade prática" a apresentação de uma moção de censura) o Bloco de Esquerda esteve sob uma nunca vista barragem de fogo dos "opinion maker's" nacionais. Aqui no Diário do Sul ouvimos opiniões sobre "moções e emoções" (23.02.11), que o Bloco dava a "sensação de uma ansiedade incontida, nervosa, medrosa, inqualificável." (16.02.11), e ainda que "Louçã decidiu dar as mãos e os braços aos investidores que não confiam na capacidade de Portugal e exigem um juro insuportável a Portugal." (16.02.11). Apesar de tudo, e na data aprazada, o BE apresentou a dita moção de censura. Disse que censurava o governo em nome das gerações sem futuro. Disse que censurava o governo em nome dos mais desprotegidos. A 12 de Março centenas de milhares de jovens e menos jovens inundam as ruas do país em protesto contra a precariedade laboral, contra os falsos recibos verdes e pelo futuro. A 19 de Março centenas de milhares juntam-se em Lisboa, ao apelo da CGTP, para protestar contra o PEC 4. A 23 de Março um governo encurralado e arrogante ensaia a fuga para a frente após se ter comprometido com a Sra. Merkel com as medidas mais graves que algum governo ousou no pós 25 de Abril. Nunca houve, na economia portuguesa, uma tão massiva transferência de valor de quem trabalha para quem explora. Pelo caminho, banqueiros e grandes empresários apelaram à manutenção da situação. Alguns propuseram até um governo de salvação nacional com o PS, o PSD e o CDS... No discurso do adeus, nas televisões em horário nobre, José Sócrates afirmou que "hoje, a irresponsabilidade triunfou sobre o sentido de estado." Aumento brutal de impostos, protecção dos bancos, abandono das terras e da agricultura, falências nunca antes vistas de PME's, cerco financeiro às autarquias, cortes de salários, congelamento das pensões, corte dos apoios sociais, desemprego, precariedade: é este o sentido de estado deste governo demissionário. E os partidos (PSD e CDS) que ainda há 13 dias não tinham a certeza se deveriam censurar o governo ou não (daí a sua abstenção à moção do Bloco) aparecem hoje a limpar a imagem de quem sempre apoiou Sócrates (Orçamento de Estado, PEC's, etc) nas suas medidas mais fortes contra os mais fracos... Bastaram 13 dias, 13 curtos e vertiginosos dias para todos aqueles que se levantaram contra a "irresponsabilidade" do BE se "darem conta" da justiça da sua análise... Agora dá-se a voz ao povo. Espero que o povo não se pronuncie por mais do mesmo. Não estamos em tempo de mudar as moscas para tudo ficar igual. Não há mais subsídios da CEE para fazer novos "milagres económicos" como o nosso PR "fez" enquanto primeiro ministro. É preciso puxar pela economia, é preciso que quem tem mais lucros contribua com mais para a recuperação do país. É preciso juntar forças. É preciso mudar de rumo. Luis Mariano Guimarães (artigo publicado no Diário do Sul - Évora)